

A Armênia em São Paulo

Paulo Herkenhoff

Girando os botões da tevê, o espectador acredita poder escolher entre guerras em tempo real ou guerras em realidade virtual, forma contemporânea de esquecer a dor testemunhada em tempos indistintos. A obra de Josely Carvalho é uma resistência a toda obliteração de fatos pretéritos ou presentes nos subterrâneos da memória. Crianças em abandono nas ruas, mulheres em luto no Iraque e, agora, um povo, o armênio, marcado por um genocídio ocultado durante décadas. Se a obra de arte conhece seus limites em face da grandeza dessas questões, podemos pensar em Jacques Callot e as pequenas gravuras de *Les misères et les malheurs de la guerre* (1633), em que o buril se torna monumental e poderoso vestígio dos sofrimentos decorrentes do cerco à cidade de Nancy.

O real nessa obra de Josely Carvalho – signos e símbolos – está organizado como arquitetura. Toda possibilidade de contemplação está atrelada à reflexão sobre uma rede de significados. Isso seria o “ornamento” ainda possível, sem perder de vista a ascese ética da arquitetura proposta por Adolf Loos. Assim, a estação Armênia do metrô de São Paulo tem seu nome como índice de uma comunidade étnica, indo além de uma simples parada de trem na malha urbana da cidade. Sua forma de ponte representa a mesma conexão entre dois pontos: passa à condição de metáfora da trajetória do migrante e da construção de possibilidades após uma diáspora. A arte pública não seria a arrogante intromissão do artista na comunidade, em cujo espaço social se insere o símbolo.

O projeto de Josely Carvalho revela seus fundamentos, a cada instante, em um programa ético, no qual o modelo para a artista seria ainda uma idéia de engenharia social crítica. Não mais o cálculo, porém a arquitetura dos significados que podem conferir coesão poética ao programa. Trata-se de um processo decisivo de riscos e escolhas de linguagem. A herança mítica, a tradição cultural, a diáspora, o genocídio, a dor e a produção de subjetividade, tudo isso cobra atualidade não do mito e dos símbolos arquetípicos, mas sim da própria arte. Se é verdade que não existe neutralidade política da arte, o projeto de Josely Carvalho se alinha na perspectiva de um Benjamin com a história dos oprimidos. A artista propõe uma arquitetura de alteridade.

Para a estação Armênia, o barro se converte em pedra na cerâmica. A operação presente na cerâmica é índice da cultura material de um povo. É uma vontade de matéria primordial que passa a se constituir em suporte capaz de, por si mesmo, testemunhar a existência de uma cultura de quatro mil anos com seu próprio sentido ancestral: a Armênia. A cruz armênicamente insere a demarcação extraterritorial, afirmativa, de uma cultura. O migrante recompõe a força produtiva e uma dada formação étnica no espaço do deslocamento. A própria mitologia da brasilidade pluralista deve, então, ser questionada em sua dimensão rígida e renegadora de determinadas composições étnicas excluídas do modelo tropicalista edênico. Daí a escrita em armênio e português estabelecer um índice de diferenciação no interior da totalidade. Na guerra dos signos, Josely Carvalho começa por não admitir o silêncio lingüístico.

É sobre a opacidade do que pode ser transparência, o vidro, que a artista escreve a textualidade. Essa é a restauração da memória no território do esquecimento e da comunicação no espaço dos interditos. O suporte da escritura é frágil, porém potente na atribuição de sentido à materialidade do signo. A arquitetura de textos conjuga o Vaktan, a narrativa imemorial da criação (“Padeciam céu e terra das dores

do parto”), e versos de Diana der Hovanessian, poeta norte-americana de origem armênia. Ao escolher esses textos, a artista deixa marcada a necessária convivência, como um arco, entre identidade social e produção de subjetividade, entre a ala coesiva de um grupo social disperso e a expressividade de sua voz poética. A lembrança da dor, do que teria sido o primeiro grande genocídio do século XX, não é apenas lembrança ressentida. Jardins da memória são espaços de reflexão. É necessário não esquecer, assim como a recordação não deve ser um aprisionamento no passado. O silêncio pertence não ao esquecimento, mas a um campo de possibilidades abertas na estação Armênia. Por isso, a arquitetura da obra de Josely Carvalho se faz de fluxos da energia regeneradora da vida, fogo, queda d’água, paisagem viva, pois, afinal, na mitologia armênia, a dor de partejar se vê com dois olhos como sóis.